


Capa



O que faz um Monty Python em Lisboa durante dois dias? “Evil Machines”, amanhã em estreia mundial no Teatro do Mar. Parquímetros do inferno, carros selvagens e aspiradores vão andar por aí. **Alexandre Martins e João**



A *máquina* Monty Python

...is meses? Escreve e encena
Teatro Municipal São Luiz.
...piradores conspiratórios
na Amaral Cardoso

Amanhã, o Teatro Municipal São Luiz é palco da estreia mundial de "Evil Machines", a nova peça de Terry Jones, Monty Python extraordinário, escritor, comentarista político, realizador e um punhado de outras coisas.

Com os eléctricos a passar no Chiado e a sua cadelinha Nancy a pontuar a entrevista, Terry Jones fala ao Ípsilon sobre a sua carreira, sobre a fama em crescendo dos Python e deseja a prisão de Bush e de Blair, enquanto no palco se defende a honra dos "gadgets" de que nos desfazemos com tanta despreocupação.

"Evil Machines" é uma narrativa sobre o século XXI na óptica de máquinas do século XX e de um homem que, em 1969, embarcou numa aventura deliciosamente grotesca com outros cinco amigos chamada Monty Python's Flying Circus. Essa revolução humorística Monty Python coincidiu com a revolução cultural movida pela cultura juvenil e ditou o fim da banal "punchline". Prestes a fazer 66 anos, o galês Terry Jones aceitou o desafio do compositor Luís Tinoco, mudou-se para Lisboa e desenvolveu uma peça dirigida por Cesário Costa e interpretada pela Orquestra Metropolitana de Lisboa. Os carros selvagens, os relógios des-governados e os comandos à distância sensuais atacam no palco do São Luiz nas próximas semanas. Entretanto, lançam-se livros sobre os Python, os DVDs com os seis actores/ autores não param de se reinventar e até se encena uma peça com os melhores "sketches" em português. Os Monty Python nunca estiveram tanto na moda em Portugal.

Qual é a sua relação com a tecnologia, visto que "Evil Machines" é uma história sobre a relação dos humanos com as máquinas?

A minha relação com a tecnologia é, como deve ser para todos, uma bênção mista. Resisti durante muito tempo a ter computador. Dizia "a minha máquina de escrever serve perfeitamente", mas acabei por sucumbir. Lutei contra ter um telemóvel por muito tempo, mas uso um, embora esteja quase sempre desligado.

Como surgiu a ideia para "Evil Machines"? Não é a tradicional narrativa "os computadores ganham vida e matam a humanidade..."

Detesto dizer isto, mas estava a conduzir e o título surgiu-me. Comecei a escrever histórias com base nisso e compilei um livro de histórias chamado "Evil Machines". A primeira história era sobre um carro que raptava pessoas. Havia outra sobre um telefone que dizia o que queríamos dizer na verdade e não o que estávamos a dizer. Todas acabaram por se tornar uma única história, que é como a história de "Evil Machines", o musical [hesita].

Afinal, é uma ópera ou um musical?

O Luís [Tinoco] está a chamá-lo um musical, diz que nunca tinha escrito um musical. Mas há cantores de ópera profissionais e a música é bastante difícil para a orquestra e para os cantores. Eu diria que é mais uma ópera, mas penso que o Luís vê a ópera

como algo mais sério.

Teve algum papel na escolha dos 13 actores e cantores?

Sim, eu e a Anna Soderstrom, que escreveu a história comigo, estivemos em Lisboa em Maio com o Luís Tinoco e com o Cesário Costa. Passámos um dia no teatro e vimos cerca de 32 cantores. Depois do Luís e do Cesário avaliarem a forma como cantavam, eu subia para o palco e actuava um pouco com eles. Na verdade, atribuímos os papéis nesse dia.

Colocou máquinas mais antigas, como aspiradores e bombas de gasolina, no papel das máquinas que vão exterminar a humanidade devido à forma como as usamos hoje. Porque não foram os iPods ou os aparelhos de GPS a lutar pela sua honra?

É uma boa questão, os mais maliciosos deviam ter sido os iPods. Mas há uma divisão no mundo das máquinas na história. Os electrodomésticos têm noção de que se os humanos se tornarem obsoletos, em terminologia de máquinas, não terão trabalho. E há também os aspiradores, que devem ser máquinas muito perigosas [riso].

Quando estudava, odiava matemática e ciência e hoje está a dirigir uma peça que está repleta desses elementos. No 3º acto, quando tudo se torna uma questão de ver quem é mais inteligente, criador ou criatura, isso acaba reduzido a um concurso de TV. É a isso que a nossa cultura reduziu o conhecimento?

Tem razão. A nossa sociedade, através da televisão, está a nivelar tudo num patamar muito baixo. É um triste estado de coisas.

Optou por evidenciar a meta-comunicação teatral. Não há esforços para esconder os assistentes de palco e alguns cenários até indicam o que são, com sinalética. Porquê?

Nunca me envolvi verdadeiramente com o teatro antes disto, mas o teatro de que sempre mais gostei foi aquele em que é bastante óbvio o que as pessoas estão a fazer, mas que ainda assim funciona. Há uma certa magia no teatro, vemos o que se está a passar, não é como no cinema, podemos ser mais abstractos na forma como apresentamos as coisas.

Para onde vai "Evil Machines" depois de Lisboa?

"Os americanos têm um grande ascendente sobre o Reino Unido, talvez seja pela economia... É única razão pela qual imagino que Blair tenha acordado bombardear um país que não nos fez mal e que o tenha feito cometer crimes de guerra"

Vai ficar em Lisboa até meados de Fevereiro e depois irá até ao Porto. Se as pessoas gostarem, espero que vá para outros locais.

Adoraria vê-la num palco de Londres. Adoraria também vê-la em Nova Iorque, mas temos de esperar para ver.

A história de "Evil Machines" tem um toque de ficção infantil. Já atribuiu o facto de gostar deste universo porque ele se adequa à sua idade mental. É verdade? Porque uma mente infantil não faz "sketches" sobre Proust...

Não faço uma distinção entre escrever para crianças e para adultos. Escrevo apenas sobre o que me interessa. Também escrevo muitas coisas académicas, normalmente sobre História e a Idade Média, e mesmo nesses textos tento ser o mais simples possível. Não vejo a linha divisória, tal como não vejo a divisão entre o humor e o sério. As pessoas tendem a pôr-nos em prateleiras. Gosto de pensar que há humor em qualquer situação. Mesmo na Idade Média, as pessoas riam-se. Não vejo as coisas assim, tal como não vejo as coisas de crianças ou de adultos. São simplesmente "Evil Machines".

Como é que se descreveria? Comediante, escritor, realizador...

Não sou um comediante. Nunca fiz um "stand-up", tenho um medo terrível de o fazer. Gosto de realizar, é divertido e menos entediante do que ser

actor. No cinema há tantas esperas enquanto actor e é por isso que nunca actuei no filme de outrem.

Quando chegou à Universidade de Oxford tinha passado por um liceu que nada incentivava a sua vontade de ser actor.

Quando começou a representar em Oxford e, logo a seguir, no West End de Londres, sentiu que finalmente estava a fazer o que queria?

Tenho uma composição que escrevi quando tinha sete anos em que dizia "I am hopping to be an actor", assim mesmo, com dois "p" ["hop" - saltar; "hope" - esperar]. Acho que na verdade eu queria dizer que esperava tornar-me actor. Acho que ainda estou a saltitar para ser actor. Não me vejo como actor, embora goste de o fazer. Para mim, é sobretudo a escrita que vem primeiro. Tudo vem da escrita.

Conheceu Michael Palin [outro Python] na Universidade de Oxford e começou a escrever com ele em peças e depois para TV. Como era esse processo?

No princípio escrevíamos juntos. Sentávamo-nos à secretária e discutíamos fala a fala, palavra a palavra, mas percebemos que era muito mais fácil escrever cada um em sua casa e depois ler juntos. E muitas vezes trocávamos simplesmente de guiões e cada um acrescentava coisas. Penso que nos programas dos Monty Python eu e o Mike produzíamos imenso material, montes dele, e depois o John [Clee] e o Graham [Chapman] apareciam com apenas uma ou duas coisinhas excelentes. Depois o Eric [Idle] surgia com umas coisas verbais e depois o Terry Gilliam sugeria animações. E nós só pedíamos: "Limita-te a fazê-las, não nos descrevas o que vais fazer, por favor, não compreendemos o que estás a dizer."

Com os Python, influenciou muita gente nas últimas quatro décadas. Quem o influenciou a si quando começou a escrever?

Penso que todos nós fomos muito influenciados por um programa de rádio chamado "The Goon Show" (BBC, 1951-1960), com o Spike Milligan, Peter Sellers e Harry Secombe. Isso mostrou-nos o que se podia fazer com a rádio, como se podia ser verdadeiramente louco com imagens e ideias. Milligan influenciou seguramente a forma dos Monty Python, porque ele fazia uma série chamada "Q5" na televisão e quando vi o programa, pensei: "Ele rompeu a forma como se escreve comédia para a televisão". Normalmente, escrevem-se "sketches" de três minutos com princípio, meio e fim, ou "quickies" de uma piada de 30 segundos. E o Milligan começava um "sketch" e passava para outra coisa, e para outra, e rompeu com a forma. Ele é que começou a fazer isso, esses "sketches" abertos. E eu pensei que podíamos casar isso com as animações que o Terry Gilliam tinha feito para o programa infantil de televisão "Do Not Adjust Your Set" (ITV, 1967).

Qual foi a maior vitória trazida pelo fluxo de consciência? →



ERIC VIVES/RADIO

O plano do inventor malévolo é voltar os electrodomésticos contra a humanidade

Nem ópera, nem musical

Começou a compor no Verão e é, segundo Luís Tionoco, algo entre “a música para cinema, o musical e a ópera.” *Pedro Boléo*

Ele está numa das salas do São Luiz, sentado ao computador, porque há ainda pormenores a acertar. Vimos interromper o incansável Luís Tinoco para saber sobre a música destas “Evil Machines”, que lhe deu mais trabalho do que estava à espera – até a noite de Ano Novo passou a escrever música.

38 anos, é um dos mais activos compositores portugueses da actualidade. Formado na Escola Superior de Música de Lisboa, onde hoje é professor, ganhou já vários prémios de composição em Portugal e em Inglaterra (onde está ligado à Royal Academy of Music). A sua música já foi tocada por grupos de câmara como o Quarteto Arditti e por várias orquestras internacionais (a Royal Philharmonic Orchestra, por exemplo). E ele já viu oito CDs editados com a sua música tocada por diferentes intérpretes.

Agora lança-se de alma e coração nesta colaboração com Terry Jones. Depois dos “Contos Fantásticos”, estreados no São Luiz em 2006, Tinoco e Jones voltaram a falar da hipótese de um novo projecto. O sucesso dessa primeira colaboração deu-lhes vontade de fazer mais coisas do género. E houve uma feliz coincidência: “O São Luiz, sem saber disto, propôs que criasse um trabalho de raiz, dando-me carta branca para fazer o que quisesse. E pensei: ‘porque não pegar num outro texto dele?’”

Puseram mãos à obra, sem saber onde é que esta loucura ia dar. Será que ia dar à ópera? Sabiam apenas que tinha a ver com o palco, que era qualquer coisa com teatro

e com música: “Não sabíamos o que ia ser enquanto género musical. Houve uma grande dose de imprevisibilidade – e fomos construindo”, diz Tinoco.

O texto “Evil Machines” era uma espécie de guião para cinema – 80 páginas que talvez dessem um filme de animação. Mas o que começou a tomar forma foi um espectáculo de teatro musical. A música que começou a compor no Verão do ano passado é algo entre “a música para cinema, o musical e a ópera. Houve espaço de experimentação, e permitiu brincar com os diferentes géneros e registos.”

É música com uma dose considerável de loucura, ou não fosse um projecto a meias com um Monty Python. Mas o humor não é coisa estranha a Tionoco: “Gosto de lidar com aspectos que fujam às convenções – isso não foi um problema, foi uma ferramenta. Quanto ao humor, já trabalhei esse elemento noutras peças minhas. Levo o humor a sério. E aqui a música não tem de ser sempre engraçada.”

Diz que o facto de ter humor não significa “cair no efeito fácil”. O complicado em “Evil Machines” é que “exigiu a

capacidade de fazer uma permanente inflexão musical”. A música é “cinematográfica” e ao mesmo tempo precisa de seguir as situações criadas no palco e descobrir soluções técnicas para problemas concretos: “Há, por exemplo, uma secção em que a música acompanha um aspirador a insuflar – e tenho de saber quanto tempo demora a encher”, diz o compositor. Mas teve de haver uma interacção constante com outros elementos do espectáculo. A figurinista, por exemplo, foi obrigada a criar uma máquina que conseguisse segurar um violino. Problemas que surgem num trabalho colectivo deste género, em que há “influências mútuas”. Para Tinoco o processo de criação colectiva foi estimulante; é o tipo de trabalho que “obriga os compositores a saírem dos seus casulos”.

O compositor, numa mistura de entusiasmo e cansaço, parece satisfeito com o resultado. Mas trabalha ainda, até ao último minuto, com o seu colega José Luís Ferreira na sonoplastia e na música electrónica que imaginaram, para além daquilo que será tocado por uma orquestra com mais de 20 músicos e uma dúzia de cantores. Estes cantores terão a difícil tarefa de pôr as máquinas a cantar. A cantar coisas simples, como o drama amoroso entre o despertador e a hatedeira de ovos. Parece que é mesmo paixão – não é um amor maquinal.



NUNO FERREIRA SANTOS

“Acho que [hoje] pensariamos duas vezes em fazer “A Vida de Brian”



ENRICH VIVES RUBIO



O telefone tem noção de que, sem humanos, não tem serventia

ENRICH VIVES RUBIO

← Na verdade saiu de um “cartoon” que o Terry Gilliam fez para o “Do Not Adjust Your Set”, no qual eu, o Mike e o Eric escrevíamos, chamado “Elephant”. Ele só disse [imita a voz de Gilliam]: “Não sei sobre o que é, na verdade é só fluxo de consciência, vai de uma coisa para a outra e acaba de novo no princípio.” Foi a ideia de casar esse fluxo de consciência e que um “sketch” podia tornar-se noutra coisa, a partir da ideia do Milligan. Foi sobretudo uma grande libertação, livrou-nos das “punchlines”.

Foi sempre vossa intenção encenar e interpretar os vossos textos?

Sim. O Mike Palin e eu tínhamos escrito para outras pessoas, como o [comediante] Marty Feldman, e tínhamos visto os nossos guiões serem alterados ao serem feitos e a não serem tão bons. Por isso, queríamos fazer as nossas coisas.

Eric Idle disse que o facto de os Python serem uma comuna de escritores, em que os argumentistas é que estavam ao leme, era determinante para o produto final.

Sim, o facto de todos contribuímos e de escrevermos juntos. Normalmente, quando alguém escrevia um papel sumarento, fazia esse papel. Não tinha-

mos de o explicar a mais ninguém, a actores a quem tivéssemos de dizer como o fazer. Isso foi crucial. Outro aspecto crucial foi o facto de todos gostarmos do trabalho uns dos outros, respeitávamo-nos. A opinião dos outros sobre um “sketch” era muito importante para cada um de nós. Ocasionalmente, insistíamos que algo era engraçado quando o grupo não achava. Mas normalmente aceitávamos as opiniões dos outros.

Às vezes as coisas não se passavam assim. No “Sentido da Vida” há um “sketch” chamado “Mr. Creosote”, com o homem gordo que vomita no restaurante. Quando o Mike e eu

Lester, a Vespa, é o outro ajudante de Nancy



RUI PEREIRA SAUTES

Acho que os políticos e os religiosos tentam excisar o riso. Há muitas pessoas que têm medo do riso. Mesmo quando era pequeno eu escrevia umas piadinhas nos trabalhos da escola e estavam sempre sublinhadas, com notas “Venha ter comigo para falar sobre isto”.

havia uma série de homens de fato que nos perguntaram sobre o que era a série. E nós respondíamos: “Não sabemos”. “A quem é destinada?” “Não sabemos.” E eles fizeram “tsc, tsc, tsc” e disseram: “Bom, só vos podemos dar 13 programas” [risos]. Isto não podia acontecer hoje, eles queriam testar o programa.

Michael Palin diz que, na sua essência, os Python eram o Terry Jones, o Terry Gilliam e ele, eram os que debatiam a essência da coisa.

O Mike disse isso?
Sim, na autobiografia “Os Monty Python Pelos Monty Python” (Oficina do Livro)...

Estou surpreendido. Talvez ele estivesse a falar da essência da forma dos programas. Eu peguei nessa ideia de usar o que o Milligan tinha feito, partir os “sketches” e usar a animação do Terry Gilliam para os ligar e quando falei nisso ao Mike e ao Terry Gilliam eles concordaram imediatamente que era uma ideia ótima. Enquanto o John, o Graham e o Eric não estavam interessados nisso. Na terceira série eu, o Mike e o Terry trabalhamos muito nisso e aí o John, o Graham e o Eric concordaram que a colagem de tudo era uma boa ideia.

A verdade é que houve sempre uma divisão entre [os alunos de] Cambridge [John Cleese, Eric Idle e Graham Chapman] e [os de] Oxford. O Terry era um Oxford honorário e ficava sempre do nosso lado [de Terry Jones e de Michael Palin] quando havia uma divisão sobre se algo era engraçado.

Acha que a sátira ainda pode mudar a sociedade?

Bom, nos anos 1960 pensávamos que podia, mas suspeito que não. O que acontece é que as pessoas que criticamos nos adotam. O programa preferido da Margaret Thatcher era o Spitting Image [que inspirou a Contra-Infamação], ela gostava de se ver retratada. Na verdade, aumenta a sua fama e suspeito que quando o Steve Bell faz os seus “cartoons” no “Guardian” e retrata o George Bush como um macaco e o Tony Blair vesgo, a imagem ajuda a reforçar a sua notoriedade. A única coisa que o humor pode fazer é assegurar as pessoas de que há quem pense da mesma maneira. Não penso que vá converter alguém, mas penso que nos faz sentir acompanhados e nos dá uma voz.

Tendo em conta a reação que “A Vida de Brian” teve e o episódio dos “cartoons” de Maomé há alguns anos, acha que a religião é o assunto mais delicado de satirizar?

Acho que pensaríamos duas vezes em fazer “A Vida de Brian” hoje. Em meados dos 1970, a religião parecia morta. As igrejas estavam vazias e não havia interesse em temas religiosos em Inglaterra. Pessoalmente, penso que a

forma como a religião hoje ganhou protagonismo e se tornou um assunto-chave na política mundial tem a ver com a indústria do armamento, que depois da queda do comunismo precisava de outro inimigo. No final dos anos 1980, lembro-me de ler o editorial de uma revista de armamento, “Weapons Today”, cujo título era “Grças a Deus pelo Saddam”. Foi antes da primeira Guerra do Golfo e o editor escrevia que no futuro poderíamos olhar para o islão como substituto do comunismo. Aposto que a indústria do armamento tem feito o seu melhor para acicatar o fundamentalismo islâmico. Porque é o que qualquer empresa faz.

Depois do 11 de Setembro, veio a público criticar a Guerra ao Terrorismo. Ainda pensa que os ataques foram a melhor coisa que aconteceu à administração Bush?

Acho que era o que Bush queria e precisava. Os arquitetos do regime Bush publicaram, em 2000, um artigo “Renovar as Defesas da América”, publicado no “site” de um movimento criado por Paul Wolfowitz, Richard Pearl, Dick Cheney e outros “necons”, que ali imprimiram a sua agenda. A ideia era aumentar os gastos dos EUA em armamento e para isso era preciso ir para o Iraque e Saddam Hussein dá-nos uma boa desculpa para estabelecer uma presença de uma força americana no Médio Oriente. Não é a minha opinião, é o que eles dizem. Outra coisa que diziam que seria necessária era o convencimento da sociedade americana, salvo se sucedesse um evento cataclísmico como um novo Pearl Harbor. O 11 de Setembro deu-lhes esse evento.

Tem alguma expectativa quanto às eleições nos EUA?

Suspeito que eles vão bombardear o Irão antes das eleições e que acabarão por eleger um republicano.

Criticou a política de Blair quanto à guerra no Iraque e agora ele foi nomeado como representante do Quarteto para o Médio Oriente. O que acha disso?

É uma anedota. Blair é uma vergonha pela sua total complacência com o regime americano. Talvez ele não tivesse escolhido, talvez se ele não tivesse apoiado Bush fosse deposto... Os americanos têm um grande ascendente sobre o Reino Unido, talvez seja pela economia... É única razão pela qual imagino que Blair tenha acordado bombardear um país que não nos fez qualquer mal e que o tenha feito cometer crimes de guerra. Pelos quais espero que seja acusado nos próximos anos. Espero sinceramente que Bush e Blair sejam acusados de crimes de guerra e postos na cadeia pelo que fizeram.

N’ “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco, as pessoas eram mortas em nome de um fanatismo que queria manter escondido o elogio do riso. O que é que há de tão perigoso no riso?

Acho que os políticos e os religiosos tentam excisar o riso. Há muitas pessoas que têm medo do riso. Mesmo quando era pequeno eu escrevia umas piadinhas nos trabalhos da escola e estavam sempre sublinhadas, com notas: “Venha ter comigo para falar sobre isto”. Qual é o problema? Se puser piadas nas coisas sobre História que eu escrevo, as pessoas questionam. Porque é que a História tem de ser [entoa a voz grave] terrivelmente séria? Faz-me lembrar quando fizemos “A Vida de Brian” e vimos uma série de filmes bíblicos, “A Toga”, “Sodoma e Gomorra”, “The Grea-

A bateira-odalisca é o interesse amoroso do despertador



ERIC VITEZ RUBIO

escrevemos isso e o apresentámos numa reunião de escrita - na verdade, acho que foi logo depois do almoço -, todos disseram que não tinha graça e foi para o monte dos “rejeitados”. Um mês mais tarde, o John telefonou-me e disse: “Estive a ler o ‘sketch’ do Creosote e acho que é engraçado”. Acho que o John se apercebeu que o mais engraçado era o emprego de mesa [desempenhado no filme por John Cleese]. Essa foi uma excepção. **Qual foi a reacção da BBC e dos espectadores aos primeiros episódios de “Os Malucos do Circo”?**

A BBC nunca gostou da série. Não pare-

ceu haver reacção aos primeiros cinco programas. Depois, as crianças começaram a escrever a dizer que gostavam do programa. Essa foi a primeira reacção que tivemos e depois houve boa recepção da crítica. Mas a BBC continuava a odiá-lo e, depois da primeira temporada, era muito duvidoso que encomendasse uma segunda, mas fé-lo.

Hoje é mais fácil apoiarem-se programas provocadores?

Não sei... O que sei é que uma coisa como os Python não teria ido para o ar hoje, porque eles teriam querido saber qual era o público-alvo. E, na altura, quando fomos ter com a BBC

← test Story Ever Told”, e o que todos tinham em comum era que [voz grave] todos falavam com um grande sentido de pasmo por viverem na época de Jesus Cristo. O que é verdadeiramente herege n “A Vida de Brian” é que falamos com vozes parvas.

Apesar de tanta coisa que fez após os Monty Python, alguma vez se sentiu prisioneiro da fama do grupo?

Não, na verdade ela sempre me possibilitou fazer coisas. E a fama tem sido gradual, estranhamente. Parece maior hoje do que há 30 anos. Não sei o que se passa, mas parece estar num crescendo até agora. Quando estávamos a fazer o programa de televisão não o sentíamos.

John Cleese assinala que Terry é um maniaco do controlo e que por isso é que realizar [os três filmes dos Python, um deles com Terry Gilliam] era o seu destino natural.

Ele disse que eu é que sou o maniaco do controlo?! Ele é que é o maniaco do controlo! Bom, numa série que fizemos, “The Complete and Utter History of Britain”, escrevemos uma paródia “western” à guerra e os franceses deveriam ser os índios e aparecer no topo de uma montanha. Quando chegámos ao local das filmagens, era um campo liso! Nesse momento pensei que tinha de controlar tudo, os locais, onde vai a câmara, tudo.

Depois dos Python, voltou às bibliotecas e mergulhou na História e na Literatura, duas outras paixões suas.

Na verdade, continuei a fazer isso quando gravávamos a série. Depois do “Cálice Sagrado” tirei um ano e escrevi o meu primeiro livro académico sobre Chaucer.

Porque se interessou tanto por Chaucer e pelos “Contos da Cantuária”?

É como chegar ao fundo de um mistério. Chaucer é um escritor engraçado, mas há hectares da escrita dele que parecem muito enfadonhos. E eu pensei que ele não podia ter escrito algo tão chato, deve ser da forma como estamos a olhar para ele. Foi quando tentei perceber as partes enfadonhas de Chaucer que me interessei pelo “The Knight’s Tale”.

Em cima de quem deitaria um peso de 16 toneladas?

À parte de George Bush e Tony Blair? Acho que o senhor Cheney seria a pessoa ideal, se eu deitasse pessoalmente o peso.

Tal como os outros Python, tem um asteróide com o seu nome. Sente-se honrado?

Nunca vi o meu asteróide e por isso fico um pouco nervoso sobre se será mais pequeno do que o dos outros.

Qual é o sentido da vida?

Ainda estou a trabalhar nisso, depois digo-vos.

O Público Vídeos disponibiliza imagens de excertos desta entrevista a partir de hoje em www.publico.pt e a entrevista integral está disponível em podcast.



Terry Jones acha que os aspiradores têm algo de malvado

MONTE FERREIRA SANTOS



ENRICH VIVES/RUBIO

